

ENTRE O RIGOR E A SENSIBILIDADE: EPISTEMOLOGIAS, TRANSMETODOLOGIA E AFETO NOS ESTUDOS DE CENAS MUSICAIS E SUBCULTURAS

BETWEEN RIGOR AND SENSIBILITY:
EPISTEMOLOGIES, TRANSMETHODOLOGY, AND AFFECT
IN THE STUDY OF MUSIC SCENES AND SUBCULTURES

Stella Mendonça Caetano

Doutora em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (São Leopoldo/Brasil).
Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Cultura Pop, Comunicação e Tecnologia (Cultpop/UFF) (São Leopoldo/Brasil).
E-mail: stella.mcaetano@gmail.com

Thiago Cunha de Oliveira

Doutor em Administração pela Universidade do Grande Rio (Rio de Janeiro/Brasil).
Professor na Universidade Federal do Piauí (Teresina/Brasil).
E-mail: thiaguhc@gmail.com

Recebido em: 15 de outubro de 2025
Aprovado em: 12 de dezembro de 2025
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
RPR | a. 23 | n. 1 | p. 158-179 | jan./jun. 2026
DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v1.4035>

RESUMO

Neste ensaio teórico propõe-se uma reflexão crítica sobre a relevância de perspectivas transepistemológicas e transmetodológicas em pesquisas sobre cenas musicais e subculturas, no âmbito da Comunicação. Para isso, analisa-se a evolução histórica das epistemologias nas Ciências Sociais, desde a busca por objetividade e neutralidade até a inclusão de saberes e experiências culturais múltiplas, culminando nas Epistemologias do Sul. Discute-se a Comunicação como ciência-encruzilhada, demonstrando a importância da interdisciplinaridade e da multiplicidade de métodos. Aborda os avanços propostos por Mattelart e Mattelart (2004), que defendem uma perspectiva crítica, e o conceito de transmetodologia de Maldonado (2013, 2014). Destaca-se o fator humano nas pesquisas, considerando as subjetividades do pesquisador e as possibilidades de erro. As noções de cenas musicais e subculturas são exploradas, evidenciando a importância de se considerar o contexto social e cultural, as relações de poder e as formas de resistência. O ensaio reflete sobre o papel do pesquisador, defendendo a necessidade de uma perspectiva transepistemológica e transmetodológica para explorar e potencializar a resistência e a transformação social. Conclui-se que essa perspectiva permite compreender as complexidades desses espaços e construir um conhecimento mais crítico, reconhecendo a diversidade de vozes e perspectivas e, assim, contribuindo para a transformação social.

Palavras-chave: Transepistemologia; Transmetodologia; Cenas Musicais; Subculturas.

ABSTRACT

In this theoretical essay it is proposed a critical reflection on the relevance of trans-epistemological and trans-methodological perspectives in research on music scenes and subcultures, within the scope of Communication. To this end, it analyzes the historical evolution of epistemologies in the Social Sciences, from the search for objectivity and neutrality to the inclusion of multiple knowledges and cultural experiences, culminating in the Epistemologies of the South. It discusses Communication as a crossroads science, demonstrating the importance of interdisciplinarity and the multiplicity of methods. It addresses the advances proposed by Mattelart and Mattelart (2004), who defend a critical perspective, and the concept of trans-methodology by Maldonado (2013, 2014). It highlights the human factor in research, considering the researcher's subjectivities and the possibilities of error. The notions of music scenes and subcultures are explored, highlighting the importance of considering the social and cultural context, power relations, and forms of resistance. The essay reflects on the role of the researcher, defending the need for a trans-epistemological and trans-methodological perspective to explore and enhance resistance and social transformation. It concludes that this perspective allows us to understand the complexities of these spaces and build more critical knowledge, recognizing the diversity of voices and perspectives and thus contributing to social transformation.

Keywords: Trans-epistemology; Trans-methodology; Music Scenes; Subcultures.

1 INTRODUÇÃO

Neste ensaio teórico busca-se propor reflexões iniciais acerca da adoção das perspectivas transepistemológicas e transmetodológicas nas pesquisas em Comunicação acerca de cenas musicais e subculturas de origem musical, conduzindo o raciocínio através do afeto e destacando a figura e atuação do pesquisador.

O início da reflexão consiste no retorno às origens das epistemologias em conhecimentos científicos e nas Ciências Sociais, passando por sua profissionalização até movimento epistemológico de abertura das Ciências Humanas para a inclusão de saberes e experiências culturais múltiplas (Maldonado; Pires, 2018; Vieira; Sousa, 2020; Wallerstein, 1996), bem como são abordadas a perspectiva decolonial e pensadores brasileiros que visavam um pensamento científico menos opressor e enraizado nas especificidades locais e, ainda, a emergência das epistemologias do Sul (Santos, 2019).

A presente reflexão segue o lastro científico das pesquisas em transmetodologia nos últimos anos, que estabelecem como parte da produção do conhecimento e processo epistêmico o diálogo com o social e as especificidades de grupos culturais e suas práticas no contexto do Sul Global. Pesquisas como as de Vieira e Sousa (2020), Almeida (2020), Martini (2020), Araújo (2023), Soares (2023), Maldonado, Berni, Santos e Andrade (2024) destacam, e reforçam, o compromisso da transmetodologia com a produção científica preocupada com o reconhecimento e promoção da cidadania, educação, inclusão, bem como com os saberes, manifestações e experiências culturais múltiplas no contexto brasileiro e latino americano e a educação em comunicação.

Na sequência, há a entrada no campo da Ciência da Comunicação, no qual o ponto de virada foi seu reconhecimento como uma ciência-encruzilhada (Alsina, 1989) e avanços epistemológicos propostos por Mattelart e Mattelart (2004); e, ainda, o conceito de transmetodologia de Maldonado (2013, 2014) aplicado ao pensamento epistemológico da área.

Sob a égide da transepistemologia e da transmetodologia, o fator humano se torna cada vez mais presente nas pesquisas e, nesse sentido, é explorado através da presença das subjetividades do pesquisador, das possibilidades de erro (Popper, 1975; Morin, 2011). Se toda a pesquisa em Ciências Humanas pode ser considerada uma pesquisa sobre o próprio pesquisador (Barbosa; Hess, 2010), desde o interesse intelectual em algum objeto até o conhecimento gerado, está presente, portanto, a carga afetiva. E, assim, o afeto nas pesquisas é explorado a partir dos pensamentos de Restrepo (2001), Sodrê (2016), Martino (2018), Morin (2011) e Santos (2019).

Na parte final, a reflexão segue contextualizando as noções de cenas musicais e subculturas de origens musicais (Amaral, 2010, 2013; Straw, 1991, 2013; Janotti Jr.; Pires, 2011; Sá, 2013), caminhando

para a reflexões finais acerca do pesquisador desses campos e as intersecções com as ideias de transepistemologias e transmetodologia que podem abrir, para essas pesquisas, um caminho para explorar e concretizar seu potencial contracultural de resistência e transformação social. Sendo, ainda, necessário que cada vez mais novas discussões instigantes sejam propostas, a fim de que os estudos brasileiros em epistemologia e transmetodologia na Comunicação, e em especial nas pesquisas em cenas musicais e subculturas, ganhem ainda mais complexidade de pluralidade, descolando-se cada vez mais do ponto de vista científico eurocêntrico e abrindo novas possibilidades de saber que sejam próprios de seu espaço, tempo e história. Este ensaio busca dar os primeiros passos nessa direção, assumindo as qualidades e insuficiências do gênero e tentando, conforme recorda Morin (1998, p. 14), “atingir um conhecimento pertinente, e tentá-lo correndo os seus riscos intelectuais”.

2 O CONHECIMENTO CIENTÍFICO E AS DISPUTAS EPISTEMOLÓGICAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

O conhecimento e suas origens, métodos, experimentações e confirmações são objetos de reflexões filosófica desde a Grécia Antiga. No início do século XIX a ciência começou a despontar como um divisor de águas, liderando o caminho rumo à evolução e ao progresso da humanidade. Esse período da história, conforme Wallerstein *et al.* (1996, p. 23), foi marcado pelo “processo de disciplinarização e profissionalização do conhecimento”, de tal modo que surgiram conflitos entre a esfera das humanidades, das artes e da ciência.

Nesse contexto, a razão humana deveria triunfar sobre a ignorância e as superstições, uma vez que o conhecimento seria alcançado através da observação do mundo e do pensamento racional. Tanto o empirismo quanto o experimentalismo, e, posteriormente, o positivismo, buscaram e alegaram a superação da metafísica na ciência, no entanto, não foi possível separar a metafísica da epistemologia, uma vez que a última se apoia na primeira.

A ciência positiva, como chama Wallerstein *et al.* (1996), decorrente do desenvolvimento das correntes racionalista e empirista, o positivismo aplicado à teoria do conhecimento ajudou a certificar métodos e técnicas de pesquisa que foram cruciais na composição dos estudos Ciências Humanas até 1960, quando fenômenos cada vez mais complexos passaram a exigir novos pressupostos diante da incapacidade de teorias científicas antigas solucionarem os problemas dos cientistas (Wallerstein *et al.*, 1996). Ainda, por serem territórios “onde as fronteiras entre as áreas são bastante nebulosas e a divisão interna em disciplinas algo meramente administrativo na prática” (Vieira; Sousa, 2020), as ciências sociais se descolaram dos velhos paradigmas.

Wallerstein (1996) inicia, a partir de sua proposta de abertura das ciências humanas, um movimento epistemológico de repensar os paradigmas da área e de inclusão de saberes e experiências culturais múltiplas. A epistemologia pode ser compreendida como o estudo dos critérios pelos quais é possível saber o que constitui, ou não, um enunciado ou conhecimento científico. No entanto, a epistemologia é um conceito flexível que, consoante Japiassu (1991), poderia ser conceituado como uma disciplina cuja função é refletir acerca da prática dos cientistas, tomando como seu objeto uma ciência que está no estágio inicial de formação e estruturação. Para o autor, a epistemologia busca estudar a produção do conhecimento dos pontos de vista lógico, linguístico, sociológico e ideológico, tendo, portanto, um caráter transdisciplinar, abarcando questionamentos acerca das relações entre a ciência e a sociedade, as instituições e entre as diversas ciências (Japiassu, 1991).

Cabe-se ressaltar que para além de outras regiões do Sul Global¹, movimentos epistemológicos que buscavam um pensamento científico menos opressor e ancorado nas especificidades locais também ocorreram na América Latina, caso da perspectiva decolonial. Assim, no ano de 2002 ocorreu a formação do coletivo Modernidade/Colonialidade, reunindo intelectuais como Dussel, Mignolo, Quijano, Grosfoguel, Walsh, Maldonado-Torres e Escobar (Oliveira; Candau, 2013). Esse coletivo, buscando desconstruir o pensamento hegemônico global, resgatou reflexões latino-americanas sobre as relações coloniais e o lugar do subalterno na produção de conhecimento, dialogando com outros projetos intelectuais e políticos latino-americanos e valorizando a reflexão teórica sobre as questões históricas da América Latina (Abdalla; Faria, 2017).

A perspectiva decolonial, um dos pilares do pensamento do coletivo, emerge como um terceiro elemento da modernidade/colonialidade, abrindo novos horizontes utópicos e radicais para o pensamento da libertação humana em diálogo com a produção de conhecimento (Ballestrin, 2013). Com um olhar crítico e anti-sistêmico, a decolonialidade busca dismantelar as estruturas de poder e opressão herdadas do colonialismo, abrindo caminho para a construção de um futuro mais justo e libertador.

Ressalta-se que embora o coletivo Modernidade/Colonialidade tenha seu início apenas no ano de 2002, anteriormente a esse período, distintos pensadores, inclusive brasileiros, elaboraram conceitos que se alinhavam ao que, posteriormente, seria defendido pela perspectiva decolonial, caso de: Alberto Guerreiro Ramos, com a redução sociológica, que defendeu a necessidade de que a produção científica estrangeira tivesse um caráter meramente subsidiário para a análise nacional (Ramos, 1996); Milton

¹ A divisão dos países entre centrais, semiperiféricos e periféricos é oriunda da Teoria do Sistema Mundo, elaborada por Immanuel Wallerstein, sendo tal divisão formada com base na função, na ordem produtiva capitalista global, que cada nação exerce (Martins, 2015)

Santos, com a teoria dos circuitos urbanos dos países subdesenvolvidos, na qual apontava que a compreensão da realidade urbana de tais regiões não poderia ser analisada estritamente com epistemes exógenas a essas regiões (Santos, 1979); Paulo Freire, com o conceito de boniteza, o qual se manifesta na construção de um processo educativo que valorize a identidade e a cultura dos alunos, rompendo com a imposição de conhecimentos e valores hegemônicos, inclusive os de origem eurocêntrica (Freire, 2021); entre outros.

Relevante estudioso alinhado aos estudos críticos relacionados ao Sul Global, Boaventura de Souza Santos (2019), constata que o pensamento epistemológico crítico se erigiu sobre os pilares do pensamento crítico europeu, tendo, intrinsecamente, propriedades colonialistas. A dominação e a exploração de umas sobre as outras no modelo colonial, porém, “foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder” (Santos; Meneses, 2010, p. 19), de forma que os conhecimentos, saberes e as possibilidades epistemológicas dos colonizados foram suprimidas.

Para denunciar as discrepâncias de poder, Santos (2010) assume que o mundo é dividido, de forma similar a Wellerstein, em norte e sul, por uma linha imaginária consequência do pensamento abissal, e elabora o conceito de epistemologias do Sul: “conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante”, que busca um diálogo entre conhecimentos que seja horizontal e valorize aqueles saberes que resistiram à violência epistêmica da colonização (Santos; Meneses, 2010, p.7).

As epistemologias do Sul acionam, portanto, ontologias dos povos e nações que, geopoliticamente, foram oprimidos pelo colonialismo europeu a partir do século XV e que, mesmo com os avanços científicos, tecnológicos e globalizantes, não conseguiram avançar na mesma velocidade e no mesmo estágio de desenvolvimento social, político e econômico dos países ao norte da linha abissal.

Acerca dessa mesma desigualdade, Gayatri Chakravorty Spivak (2010) afirma que as forças estruturais de um mundo globalizado, obliteram toda e qualquer narrativa possível dos povos colonizados, dos subalternos, por meio da “violência epistêmica”, praticada pela ciência que despreza os saberes que estão fora de sua alçada e, assim, descarta, também, os sujeitos, mais uma vez inviabilizando o diálogo, agora não apenas pelo silenciamento do subalterno, mas também pela seletiva surdez dos intelectuais.

Retornando a Santos (2019; 2002), propõe a ideia de zonas de contato. São duas zonas de contato principais: zona epistemológica, na qual a ciência moderna e os saberes tradicionais se chocam; e zona colonial, onde se contrapõem o colonizador e o colonizado. As zonas de contato são também zonas de tensão de disputa, de forma que ainda que seja um entrelugar de produção de conhecimento é deve haver preocupação com o saber ali gerado, a fim de evitar a reprodução da violência epistêmica.

A preocupação de Santos e Spivak com a necessidade de romper com as lógicas epistemológicas eurocêntricas e aproximar o conhecimento popular subalternizado do discurso científico, trazendo para a frente a pluralidade dos saberes e admissão de conhecimentos não científicos, aproxima-se da proposta de Maldonado (2008) acerca de epistemologias como dimensões transformadoras, baseadas no respeito à diversidade, às diferenças e aos conhecimentos que residem nas culturas, nas artes, nas ancestralidades e na música.

3 EPISTEMOLOGIA E TRANSMETODOLOGIA NAS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO

Inseridos nas Ciências Sociais, os estudos em Comunicação não ficaram isentos das transformações rumo à inclusão de saberes diversos e experiências plurais. Matterlart e Mattelart (2004), recordam que, assim como apontado por Wallerstein (1996), a área das ciências da comunicação se fundou sobre as bases de paradigmas da biologia e modelos matemáticos e físicos adaptados e, por esse motivo, é uma área que pouco se desenvolveu no que diz respeito às epistemologias.

A instrumentalização da comunicação e sua interpretação dentro de um “paradigma mecânico” é consequência dos processos globalizantes hegemônicos que se dão sob uma perspectiva neoliberal (Matellart; Mattelart, 2004; Maldonado; Pires, 2018). As mídias passaram a ocupar um local de importância nas tomadas de decisão, dada a presença e relevância das tecnologias de informação e comunicação de modo estrutural, ou seja, o conjunto das estruturas da sociedade se reorganizou em torno das tecnologias (Matellart; Mattelart, 2004). O ponto de virada epistemológica, que rompe com o hegemônico capitalista neoliberal, é o desenvolvimento do pensamento epistemológico transdisciplinar na comunicação.

Pensando na comunicação como uma “ciência-encruzilhada”, Alsina (1989) iniciou uma busca por integrar disciplinas distintas aos seus estudos, dando às ciências da comunicação propriedade sobre métodos, técnicas e práticas de pesquisa de outras ciências.

Além da transdisciplinaridade e, portanto, uma visão transepistemológica, as ciências da comunicação se beneficiam da transmetodologia. A proposta de Maldonado (2013) é de uma transmetodologia cujo objetivo é construir estratégias para a realização das pesquisas em comunicação, do seu início até sua conclusão, de modo contínuo, uma vez que o objeto empírico e “requer articulações e confrontações de táticas e estratégias de pesquisa que tornem possível produzir arranjos satisfatórios sobre essa complexidade” (Maldonado, 2014, p.24).

A adoção da transmetodologia em pesquisas exige dez premissas, incluindo ações estratégicas para o bem comum, razão multilética, investigação como práxis central do aprendizado, transdisciplinaridade,

bons sensos culturais, mundo midiático, configurações múltiplas, compromisso com a humanidade, processo heurístico de descobertas e estruturas de formação científica adequadas.

O respeito à diversidade humana confronta as lógicas utilitaristas e individualistas (Santos, 2019). A razão multilética proposta por Maldonado (2013, p. 41) se contrapõe às razões metonímica e proléptica, que excluem outras formas de racionalidade e ignoram o futuro. A investigação como práxis busca novas configurações e raciocínios por meio da transdisciplinaridade, criando “relações, intercâmbios, convergências, atravessamentos, reformulações teórico/metodológicas” (Maldonado, 2013, p. 42). Os bons sensos culturais buscam relações entre conhecimentos científicos e não científicos, como vivências “artísticas, sensitivas, culturais renovadoras e subversoras” (Maldonado, 2013, p. 43). A transmetodologia, portanto, se dá no processo heurístico de descobertas, com compromisso com a humanidade, a vida, as culturas e as transformações sociais.

Considerando o caráter trans que as epistemologias e metodologias podem adotar nas pesquisas em comunicação, não se pode olvidar de reconhecer que a realidade histórica está articulada com a mídia, de forma que “[...] a maioria dos processos comunicacionais atuais, as sociedades existentes, estão atravessados, condicionados, influenciados e até redefinidos pela centralidade do mundo midiático” (Maldonado, 2013, p. 43). Nesse sentido, também, é necessário realizar configurações multidimensionais no processo epistêmico, vez que “[...] só é possível investigar de modo aprofundado, renovador, rigoroso e com perspectiva de um futuro transformador, assumindo a problematização metodológica das investigações com auxílio da confluência lógica e conceitual de vários métodos” (Maldonado, 2013, p. 43)

Por fim, a condição do cientista deve ser levada em consideração, não devendo recair sobre ele o peso exaustivo de uma cadeia de produção massiva sem profundidade e coração, mas, quando necessárias estruturas e sistemas definidos, que sejam com o objetivo de facilitar o trabalho do pesquisador, sem perder de vista a multidimensionalidade e a complexidades dos sujeitos e da pesquisa.

4 IMPLICAÇÕES HUMANAS NO PROCESSO EPISTEMOLÓGICO NAS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO

A preocupação com a produção de conhecimento não é um fenômeno recente. A noção de ciência como a busca pela verdade indubitável atravessou os estudos filosóficos, epistemológicos e metodológicos até o século XX, mas até então, para o empirista Descartes, por exemplo, a verdade científica somente seria alcançada se, no processo epistemológico, o cientista se desprendesse de suas ideias anteriores à experimentação, pois elas seriam fontes de erro.

Nesse sentido, a possibilidade de um conhecimento ser passível de erro anularia completamente seu caráter científico. No entanto, ao desprender-se de suas ideais anteriores, o cientista/pesquisador deveria despir-se de si e ater-se ao discurso científico da dedução e experimentação. Para Popper (1975), porém, a ciência é uma construção que se dá por meio da proposição de hipóteses a serem confrontadas com a realidade, podendo provarem-se corretas ou não, de sorte que o erro é o conhecimento científico resultante da experimentação e, ao mesmo tempo, é, o estímulo da produção do conhecimento.

Admitir o erro como parte do processo epistemológico é compreender o fator humano que o atravessa, afinal, o erro e a ilusão estão presentes na mente humana e colocam todo o conhecimento por ela produzido em risco (Morin, 2011). Nesse sentido, pode-se acrescentar o entendimento de Popper (1975), segundo o qual o contexto histórico, político e social, o ambiente, as teorias contemporâneas e a tradição, externas ao cientista/pesquisador, desempenham papel crucial na sua atividade intelectual. Assim, o processo epistemológico é humano, construído, também, a partir das subjetividades dos sujeitos e seus elementos formadores internos e externos.

Fazer uma pesquisa científica é uma atividade que aciona a subjetividade do pesquisador, uma vez que é de suas inquietações, questionamentos e curiosidades que se escolhem os temas e se desenvolvem as problematizações da pesquisa (Martino, 2018). Se as pesquisas em ciências humanas podem ser consideradas pesquisas sobre o próprio pesquisador (Barbosa; Hess, 2010), elas também possuem uma face afetiva.

O afeto, porém, estando na dimensão sensível, é sistematicamente isolado afim de “dar lugar à pura lógica calculante e à total dependência do conhecimento frente ao capital” (Sodré, 2016, p.12). Acerca da dicotomia entre a razão e o afeto na busca por saberes científicos, o autor colombiano Restrepo (2001) reforça a necessidade de reconhecer a dimensão fundante do afetivo, rompendo com as “lógicas de guerra” que pretendem “neutralidade sem emoções, para que adquira sobre o objeto de conhecimento um domínio absoluto, igual ao que pretendem obter os generais que se apossam das populações inimigas sob a divisa de terra arrasada” (Restrepo; 2001, p.14). Mais do que o isolamento de percepções subjetivas e emocionais, ao qual alude Sodré (2016), um modelo epistemológico que ignore o afeto, subjuga o pesquisador ao domínio homogeneizador, que submete a ele as multiplicidades da vida, reduzidas pelo modelo a um esquema ou enunciado abstrato, desnecessariamente, vez que o discurso científico pode ser terno e a rigidez argumentativa pode conter vitalidade emotiva (Restrepo, 2001).

O afeto é um dos elementos que motivam a busca por conhecimento, a predisposição para aprender e a revisão de suas próprias concepções no diz respeito ao objeto da pesquisa e, até mesmo, à visão de mundo do pesquisador (Martino, 2018). Nesse sentido, para Piaget (1999), a vida afetiva e a vida

intelectual são adaptações contínuas interdependentes, vez que os sentimentos têm a capacidade de expressar os interesses e valores de ações cujas estruturas são constituídas pela inteligência.

Porém, no âmbito da pesquisa científica vale recordar que o afeto deve ser contraposto à racionalidade prática, de forma que o pesquisador não seja movido somente pelas emoções e caia nas armadilhas do apego a determinadas concepções, pontos de vista e referencial, nem manipular os processos metodológicos a fim de alcançar um resultado predeterminado. Nesse caminho, o afeto posicionaria o pesquisador em um local de fala que seria um problema para sua pesquisa. Em consideração a isso, ainda que razão científica e afeto não sejam excludentes, Martino (2018) ressalta que, entre pesquisador e pesquisa deve haver um distanciamento no que diz respeito a destacar as características do campo científico enquanto espaço autônomo. Tal distanciamento é, também, um princípio epistemológico que fundamenta decisões éticas, metodológicas e conceituais. Cabe ao pesquisador a busca pelo equilíbrio para que seja possível uma pesquisa que guiada pelos afetos de maneira ética e também coerente entre metodologia, os conceitos acionados e o próprio problema de pesquisa.

Maldonado (2015), ao explorar a vertente teórico epistemológica Mattelariana na comunicação, discorre acerca da proposta de Mattelart de uma teoria crítica da comunicação que, ao invés de buscar verdades absolutas, baseia-se na participação de sujeitos capazes de questionar suas realidades e formular ações que sejam produtivas na concepção de um conhecimento parcial, não neutro. Portanto, “a teoria para Mattelart é construída por sujeitos concretos, cuja história pessoal marca as características da produção conceitual” (Maldonado, 2015, p. 19). Assim, o nascimento da teoria crítica da comunicação estaria na tomada de consciência acerca das ferramentas de dominação da sociedade, de forma que o pesquisador deve ter uma consciência crítica que vá além de um esforço individual, mas advenha da sua participação na luta entre a resistência e o “aparato de dominação”, em prol de transformações socioculturais e econômicas (Maldonado, 2015).

O fazer da ciência por meio da atividade de pesquisa em comunicação na América Latina, de modo crítico e consciente, implica no reconhecimento do que Santos (2010) chama de linha abissal, a fronteira entre metropolitanidade e a colonialidade que segrega o Sul Global e geram exclusões. A linha abissal é a ideia basilar das epistemologias do Sul (Santos; Meneses, 2010), que, por sua vez, são o:

[...] conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos (Santos; Meneses, 2010, p. 7).

As epistemologias do Sul dizem respeito a conhecimentos que emergem da resistência e da luta contra opressão materializados, “corporizados em corpos concretos, coletivos ou individuais”, corpos que são vivos, que sofrem e celebram com suas derrotas e vitórias (Santos, 2019, p.135). Corpos moribundos, sofredores e jubilosos, que guardam sabedorias acumuladas, sofrem com as opressões e que se regozijam com o riso, a festa, o prazer, as danças e o canto que celebram a alegria do corpo.

Essa propriedade corpórea do conhecimento que impulsiona os indivíduos, afirma Santos (2019), implica na noção de que o conhecimento nunca é mobilizado somente com o uso da razão, aplicação de conceitos, linhas de pensamento, argumentos ou análises, embora esses sejam indispensáveis às epistemologias do Sul. No entanto, para que esses conceitos sejam eficazes na construção de um conhecimento que busque transformação social por meio de luta e resistência é preciso que sejam “aquecidos” pelas emoções e afetos, ou como sugeriu Restrepo (2001), que sejam abraçados pela ternura. Para Santos (2019, p. 150), o aquecimento da razão “é o processo através do qual as ideias e os conceitos continuam a despertar emoções motivadoras, emoções criativas e capacitadoras que reforçam a determinação de lutar e a disponibilidade para correr riscos”.

5 AS CENAS E SUBCULTURAS MUSICAIS POLITICAMENTE ENGAJADAS

Os estudos sobre música e musicologia não são novidade, mas foi em 1920 e 1930, surge um novo fenômeno no mundo da música, a música popular. Foi entre as duas referidas décadas, também, que inovações tecnológicas e comerciais, como o registro fonográfico através de gravação elétrica, o desenvolvimento do cinema sonoro e a expansão da radiofonia comercial, proporcionaram um ambiente favorável ao surgimento dos gêneros musicais modernos (Napolitano, 2002, p. 13).

Contrariando a tradição musicológica, o mundo da música popular chamou atenção para as possibilidades de investigações sociológicas acerca da música. A primeira incursão sociológica e filosófica à música popular ocorreu em 1940 quando Theodor Adorno identifica na música popular a realização perfeita da ideologia capitalista monopolista.

A música popular, ou de entretenimento, seria, portanto, um mecanismo que, através do preenchimento do silêncio com um plano de fundo, serviria para calar ainda mais aquelas que, na visão de Adorno, eram pessoas deformadas pelo medo, pelo cansaço e pela situação de escravidão dentro de um sistema que além de explorar sua mão de obra assumia o controle de suas decisões de consumo. A música deixava de ser arte, cultura, e transformava-se em um complemento da ideologia capitalista, reproduzindo seu sistema a despeito de seu conteúdo. Nesse sentido, os ensaios de Adorno acerca da música e da música popular foram de grande relevância para que a música fosse “humanizada”, ou seja, para que os

elementos humanos e sociais fossem também considerados pelos estudos de música, surgindo então a sociologia da música.

Nas décadas seguintes, 1950 e 1960, suas teorias passaram por revisões e a partir dessas o papel dos ouvintes de música se tornou mais relevante. Os ouvintes, em consonância com as teses de Adorno, naquele momento foram divididos em dois grupos representativos: o ouvinte passivo, alienado, e o ouvinte ativo, que seleciona esteticamente e ideologicamente as músicas, dotadas de caráter crítico, que consome (Napolitano, 2002). Tal revisão resultou em duas abordagens distintas. Para Riesman, Glazer e Denney (1990), a música poderia ser ouvida de maneira passiva, que era o modo como a maioria das pessoas ouvia, e enquanto minoria ativa, ou seja, através de uma audição mais crítica e até mesmo rebelde que apenas uma minoria realizava.

A abordagem que sucedeu essa compreensão, diz respeito às produções de autores das subculturas, autores que, na década 60, focaram seus estudos em grupos minoritários de jovens. Conforme Napolitano (1990, p.30) o conceito de subcultura nesses estudos combinava as novas maneiras de comportar socialmente, atitudes e valores sexuais que, somados ao radicalismo contra o que está hegemonicamente estabelecido, estão conectados ao consumo de música. Nesse período, os estudos de subculturas tinham uma preocupação em considerar o fator social de classe, assim se concentravam na esfera operária, bem como foco sobre a relação entre os sujeitos de maneira desatenta às cidades. A utilização das classes sociais nas análises e pesquisas tinha como objetivo compreender como surgem as subculturas entre a classe trabalhadora e como se dá sua posterior incorporação ao mercado.

Os estudos subculturais foram, e ainda são, um campo muito explorado e rico para pesquisadores, mas foi em 1990, que uma nova configuração de mundo, levou a sociologia a fazer uma análise mais crítica das subculturas com relação ao consumo e do quase apagamento de limites visto naquele momento. Os pós-subculturalistas vislumbravam, então, o fracasso das investigações pelo sentido das expressões juvenis, em especial pela forte presença da mídia na vida cotidiana dos jovens que, despejando uma variedade volumosa de signos, coloca a imagem em primeira instância de forma que a autenticidade, singularidade e a atribuição de significados se tornam obsoletos. São infinitas as possibilidades de identidade, como em um "supermercado de estilos" podem ser escolhidas, sem barreiras, limites e regras. No entanto, o surgimento de comunidades virtuais e *fandons* transparece que a fluidez não é tão displicente assim, afinal, nesses casos há atribuição de valor, classificação e organização de produtos de mídia, sejam eles musicais ou não, que interferem na formação de grupos e na fidelização dos participantes.

Nesse contexto, Straw (1991), apresenta o conceito de cenas culturais, o qual define como espaços culturais dentro dos quais inúmeras práticas musicais coexistem e interagem umas com as outras

através de diversos processos de diferenciação atravessados por distintas e múltiplas trajetórias e interinfluências. Straw (2013) amplia o conceito de cena, o qual se refere aos conjuntos determinados de atividades sociais e culturais, sem atribuir ou especificar a natureza dos limites, inclusive territoriais, que os compreendem. Dessa forma, o autor aponta que as distintas cenas podem ser diferenciadas de acordo com os elementos da localização, com o gênero da produção cultural que a mantém coesa e, ainda, através de uma atividade social que, apesar de ser definida de maneira vaga, dão forma à cena.

O conceito de cenas musicais é elástico, mas sua relação com o espaço/território urbano não é totalmente superada (Amaral, 2013). Nesse sentido, a cena se forma a partir do espaço no qual se dão as trocas, hábitos e práticas sócio comunicacionais, sendo a sua virtualização dependente de seu crescimento e consolidação da música e da subcultura, em nível local e/ou global. No entanto, ao se transportar para o digital, as cenas se veem diante de rupturas e continuidades provocadas pelas especificidades estéticas, econômicas e técnicas desse novo ambiente, que podem marcar e transformá-las fora do ambiente virtual (Amaral, 2013; Sá, 2013). As redes de relacionamento nos espaços virtuais podem, ainda, servir como bancos de dados de consumo e memória musical, além de organização social ao redor da música (Amaral, 2010).

Nesse sentido, ao pensar o processo de mediatização, que não separa atores sociais e meios, ao qual passam as cenas musicais, elas podem ser, ainda, compreendidas como a "materialização da música nos espaços urbanos"; assim, para Janotti Jr. e Pires (2011, p. 20), "o que caracteriza uma cena musical são as interações relacionais entre música, dispositivos midiáticos, atores sociais e o tecido urbano em que a música é consumida".

Nesse contexto, a noção mais moderna de subculturas as compreende como estilos de vida que buscam se contrapor ao dominante, por meio da combinação de novas maneiras de se comportar socialmente, atitudes e valores que, somados ao radicalismo contra o que está hegemonicamente estabelecido, podem estar conectadas ao consumo de música (Amaral; Govari, 2021; Hall; Jefferson, 1976; Napolitano, 1990). A música, por sua vez, composta por letra e melodia criam vínculos com os ouvintes, identificação, afetividade, uma vez que o sujeito pode ouvir a si mesmo na música.

O aspecto afetivo envolvido no ato de ouvir música é capaz de tornar as interações, trocas, buscas e resultados mais dinâmicos, de forma que torna mais fácil comunicação e o compartilhamento entre os ouvintes (Moran, 1994). Assim, ainda que exista um mercado fonográfico controlado pelos interesses de empresas cujo objetivo é o acúmulo de capital, uma vez que uma música é lançada e fica disponível para ser ouvida ela deixa de ser determinável, ou seja, o seu sentido e o seu uso estarão de acordo com a vida individual e social das pessoas (Certau, 1994).

As subculturas, portanto, se formam a partir da aderência de um grupo de pessoas a um estilo de vida e seu consumo musical, normalmente destacando-se por meio da diferenciação em meio à hegemonia que marca sua existência e oposição às expressões culturais dominantes. Vale ressaltar que não são todas as subculturas que surgem baseadas no consumo musical e/ou possuem bases políticas delimitadas e reconhecidas. O registro contracultural e político não é um traço essencial para a formação de uma subcultura, especialmente nos ambientes virtuais.

No entanto, na presente reflexão, é sobre essas subculturas que lançamos luz, vez que articulam em suas dinâmicas o caráter transgressor, desafiador e o potencial de transformação através da partilha ideológica progressista e vanguardista entre seus participantes em espaços seguros nos quais a liberdade e a diversidade são respeitadas. São subculturas como o punk, o hardcore e o gótico, por exemplo, que envolvem “lealdade a um projeto coletivo de um grupo de pessoas reunidas em torno de uma cidade, uma região ou uma nação” (Romero, 2001, p. 48) e, acrescentamos, online, cuja existência é atravessada pelo desejo de transformação e liberdade.

Martín-Barbero (2014, p. 19), reconhece que as culturas juvenis urbanas que criam comunidades “estão se convertendo em um âmbito crucial de recriação do sentido das coletividades, de reinvenção de suas identidades, de renovação dos usos de seus patrimônios, de sua reconversão em espaço de articulação produtiva entre o local e o global”. Sendo assim, subculturas são caminhos de resistência dentro das possibilidades de transformação social e política.

6 O PESQUISADOR E AS PESQUISAS CIENTÍFICAS EM CENAS E SUBCULTURAS MUSICAIS.

O afeto é o que move a curiosidade e o desejo de explorar e conhecer do pesquisador. Sua presença é marcante e pulsante quando o pesquisador se propõe a estudar uma cena musical ou subcultura, isso porque, de modo recorrente, ele mesmo é um ouvinte e participante. O afeto é presente, ainda, uma vez que a música, as subculturas e as cenas musicais podem fazer parte do processo de afirmações identitárias em nível individual e em níveis coletivos.

No campo individual, música, cenas e subculturas, fazem parte da narrativa biográfica dos sujeitos, acionando os sentimentos de diferença e de pertencimento (Hall, 1996; Giddens, 2002; Silva, 2014). No âmbito coletivo, esses mesmos elementos interferem na formação de identidades coletivas culturais que não estão isoladas dos acontecimentos, estruturas e dinâmicas do mundo ao seu redor, de forma que essas identidades culturais são resultados híbridos dos entrecruzamentos de referentes anteriores também hibridizados por meio do contato uns com os outros (Canclini, 1998). Essas culturas e suas identidades híbridas são como ideias viajantes que, num contexto de mundo globalizado, se deslocam

entre situações, pessoas, culturas e períodos diferentes entre si, dando origem a híbridos nos quais tais ideias viajantes saem de seus pontos de origem em uma trajetória rumo a novas condições e em novos territórios, condições, culturas, contextos e condições de aceitação parcial ou completa de si ou, até mesmo, resistências (Said, 1983). Híbridas, portanto, as identidades culturais são mais fluidas, diversas, políticas, pois os deslocamentos são complexos.

Nesse contexto, o pesquisador envolve-se pessoalmente com as cenas e subculturas, pois elas, através das relações e da música, fazem parte da construção de sua própria identidade, ao mesmo tempo em que está, assim como seus pesquisados e colaboradores, sob a identidade coletiva, que também considera esses elementos. O envolvimento afetivo do cientista da Comunicação é duplo, com seu tema/objeto e com as pessoas envolvidas, ele é um *insider*. O conceito de pesquisador-*insider* é proposto por Hodkinson (2005) em um artigo no qual o próprio autor assim se identifica e afirma que:

Esse artigo utiliza a noção de pesquisa feita por insider enquanto um conceito não-absoluto intencionado para designar aquelas situações caracterizadas por um grau significativo de proximidade inicial entre as locações socioculturais do pesquisador e do pesquisado (Hodkinson, 2005, p. 134).

No caso das cenas e subculturas musicais, o pesquisador-*insider* partilha com os outros participantes “um compromisso e fruição da música, estilo e atividades que são vistas como centrais ao sistema de valor do grupo” (Hodkinson, 2005, p. 136). Aqui, mais uma vez cabe recordar que o afeto, como um elemento extra científico, não se apresenta como um substituto da razão, mas como um contrapeso dessa nos processos epistemológicos. Nessa mesma linha, tanto Hodkinson (2005) quanto Freire Filho (2002) são assertivos acerca da condição biográfica do pesquisador estar sempre sob o risco de desaguar em vantagens e armadilhas teóricas e metodológicas, além dos direcionamentos e interpretações “problemáticas” e até mesmo “desonestas” que os respondentes podem dar.

Em outro segmento, as narrativas musicais figuram como fontes de informação sobre si, sobre gêneros, sobre fatos que testemunharam, fatos que fizeram acontecer, sobre a sociedade, sobre a história, são memórias vivas, que expressam sentimentos coletivos através da música, e fazem parte da história narrada e da cultura de um povo (Morigi; Bonotto, 2004). Portanto, servem ao pesquisador como fonte de conhecimento acerca da cena e/ou subcultura de origens musicais que está estudando.

Ao localizar esse pesquisador participante, dentro do contexto brasileiro e latino americano, é importante pensar em como a abordagem das cenas e subculturas musicais serão realizadas, considerando as realidades social, política, econômica e territoriais na qual se inserem enquanto objetos empírico comunicacionais. Situar as cenas e subculturas no contexto na qual se materializam é uma ação

do pesquisador que pode acrescentar profundidade à sua pesquisa, além de trazer outros elementos para integrar as discussões que poderiam se dar em torno, somente, das relações internas de consumo e processos de formação dos grupos.

O pesquisador deve buscar, através de suas pesquisas, investigar e propor, de modo crítico, “alternativas de coexistência atentas à complexidade do mundo contemporâneo, reconhecendo e compreendendo formas de desigualdades existente e viabilizando sua superação” (Araújo, 2013, p. 3). Trazer o engajamento político para as pesquisas e para os objetos empíricos é uma forma de buscar, dentro da esfera micro das subculturas e cenas musicais, a efetivação do potencial transformador da arte, da cultura e dos sujeitos.

7 DO POTENCIAL TRANSFORMADOR DOS AFETOS NAS PESQUISAS EM CENAS MUSICAIS E SUBCULTURAS MUSICAIS NO BRASIL.

Na presente reflexão teórica, retornamos ao princípio da construção da ideia de conhecimento científico nas Ciências Sociais, que diante dos conflitos acerca da autenticidade de suas produções adota métodos e procedimentos das Ciências Exatas, os adaptando dentro de seu escopo a fim de que fosse reconhecida enquanto ciência. Essa estratégia, apesar de ter ajudado no estabelecimento das humanidades enquanto ciência, não atendia às necessidades epistemológicas e metodológicas de seus objetos empíricos de pesquisa. O reconhecimento da insuficiência, conduziu a uma virada epistemológica necessária para mudar os rumos da produção do conhecimento na área, que passou a integrar saberes e experiências humanas múltiplos.

A Comunicação enquanto área integrante do quadro das Ciências Sociais Aplicadas, trilhou um caminho epistemológico muito semelhante. Reconhecendo que se encontra em contato com diversas outras disciplinas – uma “ciência encruzilhada” (Alsina, 1989) –, a Comunicação adota a interdisciplinaridade, e posteriormente a transdisciplinaridade, trazendo para o centro de seu desenvolvimento epistemológico a diversidade de lentes de pesquisa e a multiplicação de possibilidades de conhecimentos. Esse movimento foi também uma mudança de paradigmas, mas, ainda, afasta as ciências da Comunicação de sua instrumentalização pela lógica capitalista neoliberal hegemônica.

O conjunto transdisciplinaridade, transepistemologia e transmetodologia, acionam e adicionam o fator humano nas pesquisas. Se antes as subjetividades, cultura e vivências estavam excluídas da ciência, agora são bem vindas e acrescentam aos estudos a riqueza do registro de realidades muitas vezes marginalizadas ou, até mesmo, invisibilizadas. As premissas transmetodológicas de Maldonado (2013) para as pesquisas em Comunicação fornecem diretrizes para investigações que sejam mais

diversas, inclusivas e até mesmo subversivas. Esse caminho trans, múltiplo e rico acende, mais uma vez, o debate acerca do fator humano nas ciências, mas não deixa dúvidas de que se afasta da ideia arcaica de razão pura e conhecimento neutro, não há a possibilidade de se fazer pesquisa em Comunicação sem a presença das subjetividades e bagagens humanas, seja dos sujeitos que colaboram com o pesquisador, seja do próprio cientista.

O humano inunda a ciência com sua cultura, sua história, suas ideologias, experiências, saberes múltiplos e tanto mais que for possível. Não se trata de uma obliteração da ciência, seus processos e métodos, mas sim de uma abertura da mesma para saberes outros que contribuem para seu desenvolvimento de modo plural.

Estudos acerca de cenas musicais e subculturas de origens musicais, podem contribuir para a transformação por meio de matrizes epistemológicas e conhecimentos científicos híbridos culturais. E, este ensaio busca dar os primeiros passos nessa direção, assumindo as qualidades e insuficiências do gênero e tentando, conforme recorda Morin (1998, p. 14), "atingir um conhecimento pertinente, e deve tentá-lo correndo os seus riscos intelectuais".

Pensar as cenas e subculturas sob a ótica decolonial é pensar que não importa se suas origens são europeias, como é o caso do gótico e do punk, por exemplo, mas importa o que são as cenas, as subculturas, a música, as dinâmicas e as estruturas que se adaptaram aos moldes brasileiros. Nessa mesma linha de pensamento, também é possível pensar a nível local e explorar a presença e impacto desses mesmos objetos empíricos em uma cidade, em um bairro, pensando o espaço urbano e as micro relações políticas e econômicas que ali se dão. A adoção das lentes trans nas pesquisas permitem explorar o lado ideológico, educativo, de resistência e revelar caminhos pelos quais os sujeitos envolvidos nesses grupos podem concretizar seu potencial transformador.

O afeto foi o fio-condutor da presente reflexão teórica pois o afeto perpassa as relações entre pesquisador-pesquisa-pesquisado, desperta no pesquisador o desejo de explorar cenas e subculturas musicais. O afeto, equilibrado nas pesquisas científicas em Comunicação com a adoção de transmetodologias, pode permear os discursos e narrativas transepistemológicas, fazendo da ciência um local de seriedade terna, que respeita indivíduos, identidades culturais e culturas, saberes ancestrais e populares, que não exclui, ao contrário, busca através de seus questionamentos e descobertas abrir-se para a problematização de questões sociais, políticas e econômicas, pungentes nas sociedades latino americanas, como o Brasil.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio teve como objetivo realizar reflexões iniciais acerca da introdução das perspectivas transepistemológicas e transmetodológicas nas pesquisas acerca de cenas musicais e subculturas de origem musical no Brasil, conduzidas pela noção de afeto implicada na atuação humana do pesquisador.

Desde sua virada epistemológica, a comunidade científica da área da Comunicação admite ser impossível a produção de pesquisas completamente neutras, uma vez que o pesquisador está imerso em seu campo. O mesmo acontece nas pesquisas sobre música, cenas musicais e subculturas de origem musical, dentro do escopo das ciências da Comunicação. O pesquisador encontra-se ligado à sua pesquisa, como um *insider* nos grupos que compõem seu campo, tendo para com os outros um compromisso e fruição da música, estilo e atividades que possuem valor atribuído pelo grupo. Sua ligação passa necessariamente pelo afeto, que permeia as relações estabelecidas e aquece sua própria escrita.

O afeto que aquece a razão é processo que faz com que conceitos e ideia continuem a despertar emoções no pesquisador e nos pesquisados/colaboradores. São emoções criativas e capacitadoras que reforçam do qual as ideias e os conceitos continuam a despertar emoções motivadoras, emoções criativas e capacitadoras que reforçam a determinação de lutar e a disponibilidade para correr riscos em prol de mudanças. As mudanças, no presente recorte, podem ser nas estruturas das cenas e subculturas ou mudanças que essas mesmas cenas e subculturas podem promover na sociedade na qual se encontram.

O afeto, aqui, motiva uma escrita científica colaborativa e possuidora de propósito, que serve a coletividade e questiona, com fins de mudança, aquilo que fere os sujeitos subalternizados dentro e fora das comunidades musicais exploradas. Dessa forma, entendemos que as emoções, os afetos e as subjetividades do pesquisador cumprem um papel fundamental nas escolhas epistemológicas e metodológicas que ele faz dentro de seu campo de pesquisa, especialmente, para fins deste estudo, quando seu campo de pesquisa consiste em cenas musicais e subculturas que se organizam ao redor dos efeitos e afetos da música.

Esses pensamentos iniciais engatinham na direção de estudos futuros que busquem levar para um recorte de pesquisa específico uma relação mais próxima e engajada do pesquisador junto ao grupo pesquisado, para juntos promoverem transformações reais no dia-a-dia das pessoas envolvidas e dos outros que compartilham com esses os mesmos espaços.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, M. M.; FARIA, A. Em defesa da opção decolonial em administração/gestão. **Cadernos Ebape**. br, v. 15, n. 4, p. 914-929, 2017.

ALMEIDA, R. C. de et al. Transmetodologia como identidade: uma epistemologia transformadora na pesquisa em comunicação. **Comunicação & Educação**, v. 25, n. 2, p. 94-103, 2020.

AMARAL, A. Apontamentos iniciais sobre a cena Witch House: a viralização de um Subgênero e suas Apropriações. In: SÁ, S.; JANOTTI JUNIOR, J. **Cenas musicais**. São Paulo: Anadarco Editora. p. 25-40, 2013.

AMARAL, A.; GOVARI, C. Dos fluxos midiáticos entre o mainstream e o underground: os encontros e desencontros de Madonna e as subculturas. **LÍBERO**, n. 47, p. 228-244, 2021.

ARAÚJO, S. Descolonização e discurso: notas acerca do poder, do tempo e da noção de música. **Revista Brasileira de Música**, Rio de Janeiro, v.20, p.7-15, 1992.

ARAÚJO, B. C. da C. *et al.* A Transmetodologia como alternativa epistêmica para diálogo com saberes indígenas tradicionais. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 22, n. 42, 2023.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89-117, 2013.

BARBOSA, J. G.; HESS, R. **Diário de pesquisa**: o estudante universitário e seu processo formativo. Brasília: Liber Livros, 2010.

BERNI, F. C. Vence-demanda, transmetodologia e o compromisso científico transformador: diálogos possíveis do campo da comunicação com a obra de Luiz Rufino. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 20, n. 45, p. 310-315, 2022.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

FREIRE, P. **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE FILHO, J. **Reinvenções da resistência juvenil**: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Mauad Editora Ltda, 2007.

GELAIN, G. C.; CARLOS, G. S. Subcultura ou fandom? Apontamentos introdutórios para início de pesquisa. **Temática**, ano XVI, n. 08, p. 18-29, 2020.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade** Rio de Janeiro: Editora Schwarcz, 2002.

GUEREIRO RAMOS, A. **A redução sociológica**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

HALL, S.; JEFFERSON, T. **Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain**. London: Hutchinson, 1976.

HALL, S. A Identidade Cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Brasília, DF, nº 24, 1996.

HODKINSON, P. 'Insider research' in the study of youth cultures. **Journal of youth studies**, v. 8, n. 2, p. 131-149, 2005.

JANOTTI JUNIOR, J.; PIRES, V. de A. N. Entre os afetos e os mercados culturais: as cenas musicais como formas de mediatização dos consumos musicais. In: JANOTTI JUNIOR, J. S.; LIMA, T. R.; PIRES, V. de A. N. (Org.). **Cenas musicais**. Brasília, DF: Liber Livros, p. 8-22, 2011.

MALDONADO, E. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, A. E.; BONIN, J. A.; ROSÁRIO, N. **Perspectivas metodológicas em comunicação: novos desafios na prática investigativa**, Salamanca-España: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013, p. 31-57.

MALDONADO, E. **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil: Processos receptivos, cidadania e dimensão digital**. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014.

MALDONADO, E.; PIRES, J. J. Epistemologias plurais: pensando as ciências da comunicação desde a América Latina. **Revista FAMECOS**, v. 25, n. 3. 2018.

MALDONADO, A. E. Cidadania comunieducativa e transmetodologia: a investigação crítica necessária em conjunturas autoritárias. **Comunicação & Educação**, v. 27, n. 1, p. 5-14, 2022.

MALDONADO, A. E. *et al.* Transmetodologias e disputas epistêmicas em processos de investigações comunicacionais compromissados com a cidadania, emancipação e bem-viver. **Revista Eco-Pós**, v. 27, n. 3, p. 113-135, 2024.

MARTINI, F. G. Musicalidades dialéticas: transmetodologia para uma ciência sonora. **Matrizes**, v. 14, n. 3, p. 213-233, 2020.

MARTÍN-BARBERO, J. Diversidade em convergência. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 15-33, jul./dez. 2014.

MARTINS, J. R. Immanuel Wallerstein e o sistema-mundo. **Iberoamérica Social**, n. V, p. 95- 108, 2015.

MORAN, J. M. Influência dos meios de comunicação no conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 23, n.2, p.233-238, maio/ago. 1994.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarian Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

NAPOLITANO, M. **História e música**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

OLIVEIRA, L. F.; CANDAU, V. M. F. Pedagogia decolonial y educación anti-racista e intercultural en Brasil. In: WALSH, C. **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir (re) existir e (re) viver. Quito: Edições Abya-Yala Quito, 2013. p. 275-305.

PIAGET, J. **Seis estudos em psicologia**. Trad. Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sergio Lima Silva. Rio de Janeiro: Forense, 1999.

POPPER, K. **Conhecimento objetivo**. São Paulo: EDUSP, 1975.

RESTREPO, L. C. **O direito a ternura**. 3ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

RIESMAN, D.; GLAZER, N.; DENNEY, R. **The lonely crowd**: A study of the changing American character. New Haven: Yale University Press, 1990.

SÁ, S. P. de. As cenas, as redes e o ciberespaço: sobre a (in)validade da utilização da noção de cena musical virtual. In: SÁ, S. P. de; JANOTTI JR, J. (Org.). **Cenas Musicais**. São Paulo: Anadarco Editora, p. 25-40, 2013.

SAID, E. Traveling theory. In: SAID, E. **The world, the text, and the critic**. Cambridge, MA: Harvard University Press, p. 226-247, 1983.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 63, p. 237-280, 2002.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. Epistemologias do Sul. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, Maria P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, p. 5-10, 2010.

SANTOS, B. de S. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SOARES, I. de O. Educomunicação e ensino da comunicação, a formação docente. **Fórum Ensicom: fontes e ações para o ensino de comunicação no Brasil**, 2023.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STRAW, W. Systems of articulation, logics of change: communities and scenes in popular music. **Cultural studies**, v. 5, n. 3, p. 368-388, 1991.

STRAW, W. Cenas culturais e as consequências imprevistas das políticas públicas. In: SÁ, Simone Pereira de; JANOTTI JR., Jeder (Org.). **Cenas musicais**. São Paulo: Anadarco Editora, 2013.

VIEIRA, E. S.; DE SOUSA, L. L. Epistemologias e descolonização na América Latina: compreendendo as mediações ea transmetodologia como práxis epistêmico-metodológicas transformadoras. **Contratexto**, n. 33, p. 33-62, 2020.

WALLERSTEIN, I. *et al.* **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 1996.